

A mãe da sabedoria



Texto: [Agnes Mariano](#)

Deve ter sido na beira de algum dos antigos córregos que atravessavam a cidade, talvez observando o líquido que jorrava de uma das dezenas de fontes de Salvador ou até sentada à beira do Dique do Tororó, que a jovem Maria Escolástica da Conceição Nazareth descobriu que, para ser uma pessoa honrada, justa e feliz, precisava apenas conduzir a sua vida da mesma forma que as águas buliçosas de um rio. Que deveria contornar os obstáculos no seu caminho com suavidade. Manter-se tranqüila mesmo frente às mais inesperadas correntezas. Que nunca devia desistir de ir em frente e seguir o seu caminho, mas sem pressa. E, principalmente, que deveria oferecer sempre o melhor de si a todos aqueles que a procurassem. Escolástica seguiu à risca esses princípios, trazendo assim tanta prosperidade à sua vida e à vida daqueles que a cercavam, que o seu nome correu o mundo. Homens e mulheres vieram de todas as partes para conhecê-la e tentar aprender como é que se faz para nunca deixar de ser límpida como uma menina, como ela, a Mãe Menininha que morava no Alto do Gantois.

Ela era filha de Oxum, a divindade que vive nas águas doces, controla a fecundidade e, portanto, a própria vida. Como sempre acontece com as filhas de Oxum, Mãe Menininha irradiava doçura e beleza, mas também conseguia equilibrar de uma forma perfeita a generosidade, sem deixar de ser enérgica, e a sabedoria, sem ser arrogante. Desde muito cedo ela entregou-se totalmente aos encantados e foi abençoada por eles. A sua neta Mônica Millet descreve um sonho recorrente

durante a vida de Mãe Menininha do Gantois:

- Uma pequena garota de cabelos cacheados e loiros vinha chamá-la para brincar. Ela aceitava e as duas iam juntas para a praia. O o brinquedo era sempre o mesmo: os búzios. Acho que era a forma de Oxum, de Olodumaré transmitir a ela o conhecimento do jogo dos búzios.

Bisneta, sobrinha e filha de ialorixás, Mãe Menininha conduziu durante 64 anos os destinos do Gantois, que chegou a ser o terreiro de candomblé mais respeitado do país. Nascida no século XIX, ela cresceu entre os homens e mulheres africanas que criaram o candomblé no Brasil, aprendendo com eles os antigos costumes, os rituais e a língua iorubá. Precisou de coragem e diplomacia para fazer o seu terreiro sobreviver à perseguição policial aos cultos afros que vigorou até o início do século XX. Até que, gradativamente, viu a sua religião ser aceita e até despertar curiosidade entre pessoas de todos os cantos. A dificuldade, então, passou a ser continuar sendo receptiva com quem a procurasse, sem permitir a exploração do que, para ela, era sagrado.

Primeiro, Mãe Menininha encantava os olhos de quem se aproximasse dela com as suas cascatas de colares, batas bordadas e saias suntuosas, sentada num verdadeiro trono. Depois, acolhia o visitante com uma voz meiga e palavras gentis. Aos poucos, ia desfazendo todas as reservas que ainda houvesse, com seus conselhos sábios, tomando sempre o cuidado de amenizar o que pudesse assustar, de acrescentar esperança, de apresentar soluções. Presidentes da República, diplomatas, costureiras, artistas, intelectuais, médicos, padres, pais-de-santo, jornalistas, funcionários públicos, vendedores ambulantes e desempregados revezavam-se dia após dia aos pés da sua cama, de onde ela praticamente não saía nas últimas décadas da sua vida.



Ela recebia a todos e se divertia. Conversava sobre a vida, fazia novos amigos, ganhava presentes, contava histórias para as crianças e tentava sempre dividir um pouco da sua alegria e serenidade com quem estivesse ali em busca de solução para as suas angústias. Às vezes, fazia isso com palavras, outras, só com um olhar. Como nunca conseguia desfrutar da solidão, quando precisava acalmar o seu próprio coração, apenas abaixava a cabeça e silenciava os ouvidos. Depois, tudo

recomeçava. Para Mãe Carmem, que é a filha mais nova e atual mãe-de-santo do terreiro, a única palavra que define o que havia de tão especial e singular em sua mãe é “carisma”. Um dom especial, uma força divina que a tornava capaz de ouvir tantas lamúrias e permanecer tranqüila, de receber tantos elogios e continuar serena, de presenciar tanto sofrimento sem se tornar amarga.

Um dia, quando já tinha dado todos os conselhos e abençoado todos os seus filhos, ela partiu desse mundo. Isso aconteceu em agosto de 1986. Naquela época, houve muita tristeza, muitas lágrimas, porque os seus milhares de amigos e centenas de filhos-de-santo não perceberam que Mãe Menininha já tinha se encarregado de se manter viva para sempre. Mas, hoje em dia, muitos já descobriram que, ao passar a sua vida fazendo da felicidade alheia a sua própria felicidade, Mãe Menininha estava lhes mostrando que, sempre que a generosidade, a alegria e a paz se fizessem presentes, ela também estaria entre nós.

INICIAÇÃO

Para conhecer essa história desde o princípio, vá até o Centro Histórico de Salvador, na antiga Rua da Assembléia, perto da Rua do Tesouro e procure um antigo sobrado, o de número 12. Foi aí que tudo começou. Nessa casa viveram Maria Júlia da Conceição Nazareth, suas filhas Pulchéria e Damiana e sua neta Maria da Glória. Da união de Maria da Glória com Joaquim Assunção¹ nasceu, nesta mesma casa, no dia 10 de fevereiro de 1894, uma pequena garota que logo ganhou o apelido carinhoso de Menininha. Como ela nunca deixou de ser doce, sincera e corajosa como só as crianças iluminadas sabem ser, continuou sendo chamada assim até o final da sua longa vida.



Maria Júlia da Conceição

Em meados do século XIX, décadas antes de Mãe Menininha nascer, funcionou ali bem perto da sua casa, na Rua da Lama, o primeiro terreiro de candomblé do Brasil. O “candomblé da Barroquinha”, ao qual Maria Conceição pertencia, foi criado por tios e tias africanas como Iyá Nassô, Iyá Akalá, Iyá Adetá e Bamboxê Obitikô. Pelos estudos que realizou sobre o assunto, o antropólogo Renato da Silveira acredita que Iyá Akalá:

- Deve ter sido a sacerdotisa que plantou o axé de Airá, por volta de 1830.

Quem sabe até Maria Júlia da Conceição fosse descendente dessa mesma senhora, pois sabe-se que seus pais, africanos de Abeokutá, chamavam-se Akala e Okarindê. Maria Júlia, iorubá do povo egba, também nasceu em Abeokutá, em 1800. O que se sabe com certeza é que, por não ter sido escolhida num período de sucessão, ela resolveu sair da Barroquinha e fundar a sua própria casa, o Ilê Iyá Omin Axé Iyamassê – a Casa da Mãe das Águas.

O local escolhido era deserto. Naquela época, a perseguição aos candomblés tornou-se tão forte que até o candomblé da Barroquinha precisou mudar de endereço, indo estabelecer-se onde hoje está o da Casa Branca, na Avenida Vasco da Gama. Foi o seu bisavô Francisco Nazareth (jeje, nascido em Éta), marido de Maria Júlia da Conceição, quem arrendou o terreno no bairro da Federação, onde foi fundado o Terreiro do Gantois, em 1849. O nome se deve aos antigos proprietários da área, a família belga Gantois, muito envolvida com o tráfico de escravos e proprietária de terras. O barracão foi construído numa área elevada, na clareira cercada por um pequeno bosque. A localização era estratégica, pois o único acesso era por uma trilha íngreme e escondida.

A família Nazareth se dividia então entre os seus afazeres na cidade, a morada no Centro Histórico e os compromissos religiosos na roça do Gantois. Acompanhada de outros dissidentes, Maria Júlia da Conceição plantou os axés do terreiro e iniciou os trabalhos. Com a sua morte, foi a vez de sua filha Pulchéria Maria da Conceição Nazareth assumir a casa, em 1900. Seguindo à risca o que tinha aprendido com a mãe, ela trouxe ainda mais prosperidade ao Gantois. Como afirmou o antropólogo Édison Carneiro em seu livro *Candomblés da Bahia*, o terreiro chegou a ser tão ilustre que:

- Hoje existem as palavras *canzuá* e *ganzuá*, corruptelas de Gantois, como sinônimos de candomblé, ou melhor, do tipo ideal de candomblé encarnado pelo de Pulchéria.

Quem frequentava o Gantois nessa época, por exemplo, era o médico e antropólogo Nina Rodrigues, que até se tornou ogã do terreiro.



Pulchéria Maria da Conceição

Pulchéria não tinha filhas que pudessem sucedê-la na direção da casa, por isso, quando faleceu, quem ficou à frente foi a sua sobrinha Maria da Glória, em 1918, ialaxé do terreiro. Após três anos da morte da mãe-de-santo, se decidiria a sucessora definitiva. Entretanto, antes disso, Maria da Glória faleceu.

- Minha mãe só ficou dois anos. Mas ela já vinha exercendo a função junto com Pulchéria. Porque há sempre uma ou duas pessoas a ajudar a ialorixá – contava Mãe Menininha.

Com a morte prematura da mãe, deixou de freqüentar o Gantois:

- Eu era ainda mocinha, vivia com ela e ela morrendo afastei-me.

Além do sofrimento pela perda da mãe, talvez ela estivesse também buscando refletir se desejava e se sentia capaz de aumentar o seu compromisso com a religião, uma decisão séria e irreversível.

Provavelmente, a jovem robusta e elegante que transitava pelas ruas do Centro Histórico, dona de linda voz e raro talento para a dança, tinha muitas dúvidas quanto ao futuro. Moça prendada e independente, fazia doces e costurava: “Dizia-se que Menininha fora uma ótima costureira, sustentando-se com essa profissão na mocidade”, ouviu a antropóloga norte-americana Ruth Landes, que freqüentou o Gantois em 1938. Os amigos mais próximos, como o músico e ogã Edson Vergne de Assis, o Edinho, a ouviram comentar também que, na juventude, gostava muito de ir sambar na Segunda-feira Gorda da Ribeira e na Festa da Conceição da Praia.

- Tudo o que não era vendido na Festa do Bonfim, se levava pra festa da Ribeira, era tudo de graça – descreve o jornalista e publicitário Guilherme Simões, amigo de Menininha.

Antes de assumir definitivamente o Gantois, no início da década de 20, ela se uniu ao advogado Álvaro MacDowell de Oliveira, que conheceu no bonde. Passaram a residir no Lucaia, na Baixada

do Rio Vermelho. De família sergipana, Álvaro era viúvo e tinha uma filha. Da sua união com Mãe Menininha, nasceram Cleusa, em 1923, e Carmem, em 1928.

- Senhor Álvaro era uma bela pessoa, de Oxalá, parecia muito com Neném (Carmem) – define a amiga Alzira Escolástica.

Como conhecia e respeitava o candomblé, ele provavelmente já imaginava que poderia ter que dividir a sua esposa com centenas de outros “filhos”, mas é difícil que o jovem casal tivesse a dimensão do que estava por vir.



A circunstância para a resolução do impasse não poderia ser mais surpreendente: uma missa. Apesar de não serem adeptos de sincretismos nos seus rituais, muitos membros do Gantois mantinham e mantêm até hoje muita fé em santos católicos, vindo daí o costume de se mandar celebrar missas. E foi aí mesmo que o seu destino começou a ser traçado.

- Em fevereiro de 1922, numa missa por Pulchéria que era minha madrinha e tia, os orixás quiseram logo escolher quem ficaria tomando conta da casa. E me aconselharam. Eles mesmos me deram posse, não foram pessoas não. Primeiro foi Oxóssi, depois Xangô, Oxum, Obaluaê – conta Menininha.

Mesmo abençoada pelos orixás, ela ainda enfrentou resistências, afinal, o Gantois já era uma casa conhecida até fora da Bahia, através dos relatos publicados por Nina Rodrigues, o que aumentava a responsabilidade. Havia também disputas de poder e até por herança, envolvendo um tio de Menininha (que chegou a ser intimado judicialmente) e filhas-de-santo da ialorixá anterior. Ruth Landes ouviu de Édison Carneiro que a sucessão foi lenta porque os mais antigos da casa não estavam convictos de que deviam entregar a ela a chefia e que, naturalmente, havia outras candidatas ao posto, mais velhas que Menininha. Apesar de tudo, com apenas 28 anos de idade, ela assumiu a direção do terreiro. A jovem Maria Escolástica da Conceição Nazareth se tornou, definitivamente, a Mãe Menininha do Gantois.

O sacerdócio chegou cedo na vida de Mãe Menininha. É que a preparação também tinha sido precoce. Membro de uma família de sacerdotisas, ela foi iniciada com apenas 8 meses de idade. Desde então, já convivia com os rituais e, aos 6 anos, já dançava na roda. Há um registro

fotográfico dela participando de um ritual para Oxóssi aos 8 anos. O recipiente usado nesse dia para transportar a água – um pote azul e dourado chamado de “quartinha” – está guardado até hoje, no Memorial Mãe Menininha do Gantois, que funciona no próprio terreiro, onde antes foi o seu quarto.



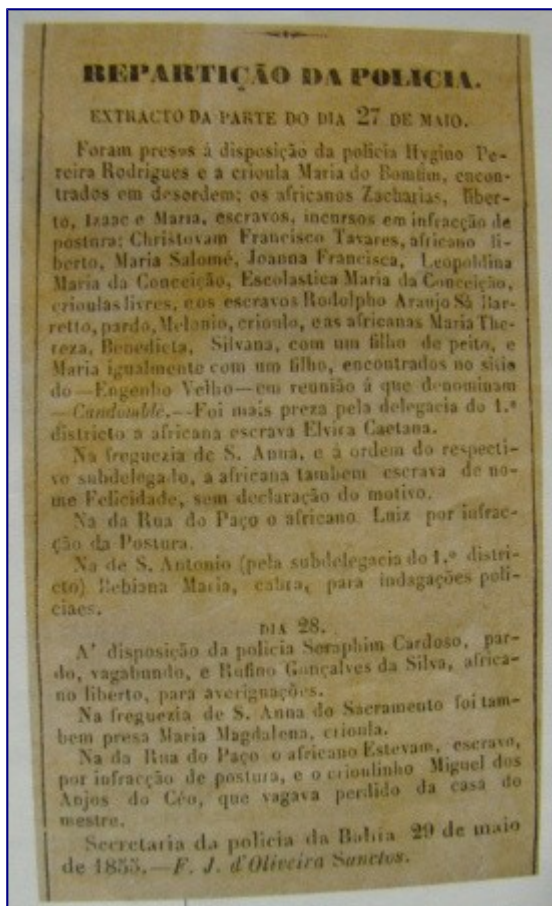
Mas é a percussionista Mônica Millet quem explica com maior clareza os dons especiais que a sua avó possuía e que a conduziram tão cedo a esse posto:

- Vovó tinha uma disposição para atender às pessoas que era fora do comum, uma capacidade de compreensão rara e também tinha uma vidência que eu nunca vi em mais ninguém. Uma harmonia com o orixá, com o jogo de búzios que era uma dádiva de Oxum. Tudo o que saísse nos búzios dela, teria uma resposta.

De fato, parece que ao longo dos anos a intimidade entre Mãe Menininha e Oxum, a deusa das águas doces, só fez crescer. Pois, dia após dia, Menininha foi se tornando cada vez mais sábia, profunda e tranqüila, como se ela própria fosse uma versão brasileira do enorme rio Oxum, que corre na Nigéria, entre Ijexá e Ijebu. Como se bastasse a sua presença para acalmar, purificar e matar a sede de afeto dos seus milhares de filhos. Como se ela própria fosse água.

DIPLOMACIA

Na superfície, uma calma profunda, só interrompida por turbulências inesperadas, mas sempre temporárias. Como resultado dessa alternância entre paz e movimento, a nutrição do mundo à sua volta. Assim é a vida de todos os rios e também foi assim a vida de Mãe Menininha de Oxum: tranqüilidade, movimento e fertilidade. Nas primeiras décadas à frente do Gantois, ela seguiu com as suas obrigações litúrgicas, cuidou do seu sustento, criou suas filhas, conviveu com o marido e, pouco a pouco, com a diplomacia que lhe fez famosa, foi ampliando seu círculo de amizades, que incluía alguns dos mais ricos e mais pobres cidadãos baianos. Uma paz que só era quebrada, em raros momentos, pela perseguição da polícia aos cultos afros.



Naquele tempo, a Federação era um bairro distante, quase rural. Ao ponto de termos, nós, e também vários vizinhos, estábulo, na roça, para o leite cotidiano. Eram poucas, muito poucas, as casas, todas dentro de largos terrenos. Na ladeira que ia para o segundo Arco, ficava o Gantois. Lá morava uma senhora de porte realmente majestoso, a quem nós, garotos, de acordo com as regras da boa educação, tomávamos “a benção”. Eu dizia: “A benção, dona Escolástica”.

O relato foi feito pelo historiador Cid Teixeira, em seu artigo *Dona Escolástica*. O bonde ia até a Estrada de São Lázaro.

- O resto do caminho era chão pisado, mato e muita lama, quando chovia – acrescenta o jornalista Guilherme Simões, que ia sempre visitar os primos numa casa ali perto.

O barracão principal do terreiro, que despertava o interesse das crianças da vizinhança tanto quanto o pé de carambola, era muito simples.

- Para os olhos era apenas uma desconexa construção de barro, tendo acima da porta de entrada um chifre de boi, descorado pelo tempo, sobre dois facões cruzados, símbolos do deus da caça Oxóce (sic), protetor do templo. Não parecia uma casa de devoção; mas o esplendor de Pulchéria lhe conferia importância para todos os entendidos – descreveu a antropóloga Ruth Landes, em 1938.

Apesar da simplicidade, o terreiro já era procurado por muita gente. Em tempos de festas, autoridades apareciam por lá, com dificuldade, lembra Cid Teixeira.

Entre essas “autoridades” que o garoto Cid via passar, estavam intelectuais como Artur Ramos, Édison Carneiro e o médico-legista Estácio de Lima. Ruth Landes descobriu também outros respeitosos admiradores de Menininha em advogados e professores como Nestor Duarte e médicos

como o pediatra Hosannah de Oliveira e o psiquiatra João Mendonça:



- Ele acreditava que, à sua maneira, entre a classe de pessoas originadas física ou espiritualmente dos antigos escravos, ela sobressaía tanto quanto os doutores em leis ou em medicina.

Outros que conheciam e se encantavam com Mãe Menininha, descobriu Landes, eram alguns frades do Convento de São Francisco e o padre Barbosa, da Igreja da Conceição da Praia.

Apesar do respeito que já desfrutava em vários círculos, Mãe Menininha ainda tinha muito com o que se ocupar. A perseguição policial era um fantasma sempre presente, combatido desde os tempos de sua bisavó e sua tia, que conseguiu gozar de “certa” proteção. Mas todo cuidado era pouco.

- Antes de 1937, só encontramos referências nos jornais ao Gantois como queixa pelo barulho, incomodando os vizinhos. Tanto que, quando a situação estava mais tensa, mais violenta, eles evitavam os atabaques, substituindo pelos instrumentos de cabaças.

A declaração é da pesquisadora Cida Nóbrega, uma das autoras do livro “Mãe Menininha do Gantois: uma biografia”. A própria Menininha também descreveu o que acontecia:

- Uma vez apareceu por aqui um capitão ou tenente, não me lembro bem. Fez aqui umas coisas de quem não tinha juízo. Mas na mesma hora apareceram pessoas, foram a ele e ele se acomodou.



Foto de Paulo Macedo

Como todas as ialorixás do seu tempo, Mãe Menininha fazia questão de ganhar o próprio sustento e não cobrava pelos serviços que prestava. Por isso mesmo, definia o seu terreiro como uma casa de caridade. Ele teve tabuleiro de frutas, foi dona de restaurantes, de quitanda e, além de ótima costureira, sempre foi uma boa doceira, fazendo doces por encomenda. A neta Mônica Millet lembra saudosa:

- Tenho muita saudade do manuê que ela fazia, uma espécie de quindinzinho com uma calda feita na véspera. Ela teve uma quitanda no centro. Lembro de me contarem que quando Mainha e Dinda chegavam da escola, iam limpar e separar o umbu, ajudar a fazer cocada e amoda.

Outra forma de rendimento de Mãe Menininha era a venda de vísceras, fato, fígado de boi:

- Ela tinha as gameleiras que vendiam pra ela – conta Mônica.

Nessa época, Mãe Menininha continuava morando no centro da cidade, na Rua do Saldanha. Antes, segundo Cida Nóbrega e Regina Echeverria, já havia morado com a sua família na Rua Maciel de Cima, Rua do Açouguinho (atual Rua J. Castro Rabelo), Rua do Passo e na casa número 9 em frente ao cruzeiro do Convento de São Francisco. Hoje em dia, os moradores e comerciantes da área até duvidam que isso tenha acontecido. Apenas um vendedor de cigarros afirma ter ouvido falar da vizinha ilustre.

A ocupação principal e mais difícil, entretanto, eram os afazeres como mãe de um número sempre crescente de filhos-de-santo. A primeira iniciada foi Vicência de Ogum, depois vieram outras centenas. Em 1938, ela segredou a Landes que já tinha cerca de 200 pessoas sob a sua orientação. E quanto mais filhos, mais obrigações, rituais e trabalho, porque uma mãe zelosa sempre está presente e acompanha tudo de perto. Além das duas filhas de sangue e dos filhos-de-santo, havia também os filhos de criação, porque a casa estava sempre aberta para quem precisasse: Alabá, Ester e tantos outros.

Mas, assim como nenhum rio sobrevive se não for permanentemente alimentado pelos seus afluentes e se não tiver as margens preservadas, Mãe Menininha só pôde seguir em frente e fazer tudo o que fez porque esteve sempre cercada de muito amor e beleza, que lhe davam forças para desempenhar o seu papel. Ao seu lado, estavam sempre as duas filhas, Cleusa e Carmem, zelando

por ela e a apoiando. E também estavam Hilda, que depois se tornou ialorixá, no Rio de Janeiro; Manuel ou “Amor”, funcionário da Faculdade de Medicina, que tinha sido criado por Pulchéria e era o responsável pelos alabês²; Nezinho, que depois fundou um terreiro em Muritiba; Nilza e Dona Alzira, que costuravam as suas roupas e vários outros.



A filha Cleusa

O seu marido, Álvaro MacDowell de Oliveira, também foi compreensivo com a importância do seu cargo como poucos homens daquela época teriam sido. Além de ser um pai e marido sempre presente.

- No Gantois, o pai das filhas de Menininha e alguns outros ogãs de confiança tinham construído casinhas de um cômodo só onde se distraíam e dormiam, quando o desejavam. No verão tive ocasião de vê-los chegar e trocar de roupa, vestindo pijamas leves, e descansar sentados em cadeiras debaixo das árvores e, mais tarde, passear com as crianças. Podiam fazer o que quisessem, contanto que não violassem o templo e os votos temporários de castidade das sacerdotisas – observou Ruth Landes.
- Vovô Álvaro era branco e erudito. Um homem que respeitava a religião dela. A casa 17, aqui em frente, era dele. Segundo o que contam, ele ajudou muitas vezes a fazer as lembranças da festa de Oxum, de Obaluayê, de Nanã. Tinha um respeito e carinho muito grande por vovó – conta a neta Mônica.

Álvaro defendia os interesses do Gantois também como advogado, frente à polícia e, como pai, acompanhava de perto a formação das filhas: Cleusa fez cursos técnicos em obstetrícia e Carmem foi funcionária do Tribunal de Contas. No início dos anos 40, quando voltaram a residir no Gantois, passaram a viver em casas separadas: Menininha dentro do terreiro, como exigia o cargo e Álvaro em frente, na casa 17, que tinha pertencido ao Tio Jacinto. Por volta de 1948, entretanto, ele faleceu. Ao invés de se desesperar com mais essa perda prematura e terrível, Mãe Menininha seguiu em frente. Sabia que centenas de pessoas precisavam da sua paz de espírito para ter paz. Mas foi também a partir dessa época, final da década de 40, que ela praticamente não dançou mais nas festas, por motivos de saúde.



A filha Carmem

A beleza dos seus movimentos só pôde ser guardada na memória de quem teve o prazer de assisti-la dançar, mas a sua voz meiga e a elegância dos seus trajes e jóias ainda puderam ser desfrutados por muitos anos mais. Os rituais litúrgicos continuaram sendo rigorosamente impecáveis, com seus ogãs de ternos brancos e filhas-de-santo com fantásticas saias bordadas. Afinal, se o convívio com a beleza torna a vida de todos nós mais agradável, para as filhas de Oxum, ele é um verdadeiro alimento. Deve ser por isso que a superfície lisa das águas de um rio ou lago é o mais antigo espelho que existe, onde, pela primeira vez, muitos homens e mulheres descobriram o seu próprio encanto.

A ESTRELA MAIS SIMPLES

Quando um rio se torna tão caudaloso que já não cabe em si, ele transborda. Foi assim que floresceu a mais próspera civilização da antiguidade, a egípcia, aproveitando a fertilidade da terra periodicamente inundada pelo rio Nilo. O mesmo fenômeno aconteceu no Alto do Gantois, com a ilustre filha de Oxum. Na segunda metade do século XX, o seu nome atravessou fronteiras, a sua fama transbordou por todos os cantos: além dos baianos, pessoas de outros estados e países vinham em busca dos seus conselhos, da sua paz, tentando aprender a ter fé. Mesmo sendo idosa e com a saúde debilitada, todos os dias, às 10h da manhã, a ante-sala do seu quarto já estava repleta. Pacientemente, ela recebia a todos, sempre dizendo:

- Meu Deus, quem sou eu pra ter essa honra? Quem sou eu?



O Gantois sempre foi muito procurado, mas depois da morte de Mãe Senhora, do Ilê Axé Opô Afonjá, o assédio aumentou bastante. Pessoas que acompanharam tudo isso de perto explicam:

- Houve uma espécie de migração. É natural. Quando morre uma papisa, as pessoas procuram outra – explicou o pesquisador Waldeloir Rego.

Naquela época, 1967, somente Mãe Menininha teve a força necessária para conduzir os rituais fúnebres, o *axexê* de Mãe Senhora.

- Eu fui com ela lá pro Afonjá, ficamos sete dias – conta o músico Edinho, ogã do Gantois.

Pessoas como Jorge Amado, Dorival Caymmi, políticos e outros artistas tornaram-se visitantes cada vez mais freqüentes. Na década de 70, uma canção de Caymmi descreve para o mundo quem era essa senhora e a curiosidade sobre ela aumenta. Na voz de Gal Costa e Maria Bethânia, ela é descrita como “a estrela mais linda”, “o sol mais brilhante”, “a beleza do mundo”, “a mão da doçura”, “o consolo da gente”, “a Oxum mais bonita”.



Foto de Haroldo Abrantes

Fica no Brasil o rio mais abundante de todo o mundo, o Amazonas. E também foi no Brasil que nasceu uma das mães mais férteis que já se teve notícia. Talvez porque, para ser seu filho, bastasse desejar.

- Quem queria ficar, ia ficando. Era só arranjar mais uma esteira. Os homens dormiam no salão, as mulheres, nos quartos. Ninguém dava nada e todo dia tinha almoço e café – conta Edinho.

E mais filhos-de-santo e amigos foram chegando: Gal Costa, Caetano Veloso, Maria Bethânia, a atriz Maria Zilda:

- Foi Gil quem me trouxe, em 1976, num momento complicado da minha vida, em que eu estava meio triste. Aí comecei a vir sempre, uma vez por ano, pela sensação de paz que dava só em estar perto dela. Até que um dia eu fiquei e fiz toda a minha iniciação, em 1985. Hoje, o Gantois é a minha casa. Falo isso pela convicção, pela fé inabalável que eu tenho nos meus orixás. Uma parte dessa fé foi ela que me ensinou a ter – conta Maria Zilda.

O professor, advogado tributarista e ex-prefeito de Salvador Edvaldo Brito a conheceu ainda na infância.

- Quando a minha tia Bida vinha do Rio para as festas em Muritiba, ela visitava todas as grandes casas e eu ia com ela. Tinha uns 8 ou 9 anos. Muitas vezes, ela me deixava no Gantois e eu ficava aos pés de minha Mãe Menininha. Ela tinha muito carinho por mim, dizia que eu era o filho de sangue que ela não teve. Ela me orientou muitíssimo, me dizia como proceder. Todos os livros que eu fazia, levava o primeiro exemplar pra ela tocar – diz ele, que também é Babá Ebé do Gantois.

Além da generosidade e doçura, muitos iam em busca de Mãe Menininha para aprender. O jornalista e publicitário Guilherme Simões lembra de um episódio:

- Uma vez levei um grupo de intelectuais lá, para conhecê-la. Todos saíram impressionados com a profundidade e humildade dela.

Edvaldo Brito também não esquece do que ouviu:

- Ela era um poço de sabedoria. Sempre tinha alguma coisa pra te dizer e falava de coisas muito simples. Um dia me disse: “Meu filho, nunca se esqueça que a água é muito importante, lava todas as coisas. Veja que você a coloca na mão e ela passa, purifica tudo”.



Políticos famosos estiveram por lá algumas vezes: João Baptista Figueiredo, Getúlio Vargas, João Goulart, Adhemar de Barros, Paulo Maluf, João Durval e Luis Inácio Lula da Silva. Atletas como Pelé, Roberto Dinamite e Djalma Santos. Sacerdotes e líderes africanos a visitaram, como o rei de Ijebu Odé, conta o advogado:

- Que se impressionou com as canções em iorubá que ela cantou para saudá-lo e disse que na África ela já seria considerada um orixá.

A sua notoriedade chegou mesmo até a África, acrescenta ele.

- Quando estive em Lagos, fiquei com a mala cheia de presentes que as pessoas mandaram para ela. Essa mala inclusive se extraviou junto com as das outras pessoas com quem eu viajava para o Togo. Então eu disse ao grupo que não se preocupassem, porque a minha mala iria voltar, já que estava cheia de presente para Mãe Menininha e, assim, o resto da bagagem devia retornar também. E foi o que aconteceu, em poucas horas.



Foto de Haroldo Abrantes

Mãe Menininha não freqüentava nenhuma outra casa religiosa, a não ser a do seu filho-de-santo Nezinho, em Muritiba, mas era amiga de muitos pais e mães-de-santo, que vinham manifestar o seu respeito por ela: Mãe Stella, Joãozinho da Goméia, Luiz da Muriçoca, Eduardo de Ijexá e muitos outros. Outros baianos ilustres que a visitavam sempre e por quem ela tinha uma amizade especial eram a escritora Hildegardes Vianna e o escritor Jorge Amado, que a definia como: “A mais doce das criaturas, a mais nobre das senhoras, a mais bela das Oxuns, a mãe da bondade”.

Fama e assédio não mudaram em nada os hábitos de Mãe Menininha. O seu quarto era o seu mundo e, de lá, ela governava. A erisipela, que provocava o inchaço nas pernas, foi cada vez mais a prendendo na cama. Também sofria por conta da obesidade e do linfoma benigno.

- Ela se sentia um pouco dependente, precisava das pessoas pra se locomover, mas nunca se queixava – conta a neta.



A neta Monica

O seu cotidiano era sempre o mesmo. Acordava cedo, dava a benção a todos e distribuía as tarefas do dia. Ninguém fazia nada sem consultá-la. Ocupava-se também das contas da casa, lembra Monica:

- Ficava agoniada com o pagamento das décimas do terreno, o imposto anual.

Um ritual infalível todas as manhãs era a lista da feira, “os temperos, a alcatra, o chã de dentro, o peixe, que a finada Erundina ou João deviam comprar”. Os problemas de saúde a obrigavam a ter hábitos austeros:

- Vovó nunca bebia, não tomava café, nem gelado. De manhã, era sempre chá preto com torradas e fruta-pão ou inhame. As torradas, ela dividia com os gatos, que adorava. Comia sempre um escaldadinho de carne de sertão ou de peixe, com pirão de peixe e um molhinho de pimenta.

Como qualquer mãe e dona de casa cuidadosa, Mãe Menininha também sabia ser enérgica e dar grandes broncas, quando necessário.

- Na época dela, nenhuma mulher entrava na casa de calça, nem durante as festas. Tinha dia também que ela não queria conversa. Abaixava a cabeça e não respondia nada, mesmo que chamassem – diz Edinho.

Algumas vezes, ela se exaltava:

- Dava aquele esbregue, mas nem aí falava nada demais – diz a neta.

O motivo das broncas quase sempre era o descuido com as obrigações litúrgicas, porque ela própria não media esforços pra cumprir os rituais e era igualmente exigente com os seus iniciados.

- Senão essa casa não teria se tornado o que é – avalia Edinho.
- Ela era uma professora, acima de tudo. Falava tudo explicitamente e era muito enérgica. Se alguém estava cantando errado, ela chamava e explicava o que você estava falando, o que a música queria dizer. Era uma zeladora de primeira – define a atriz Maria Zilda.



Foto de Haroldo Abrantes

Alguns profissionais acompanharam a sua saúde, como a auxiliar de enfermagem Teotônia e os médicos Antonio, Bahia Monteiro, Terezinha Parada, Ismar Vilas Boas e Menandro de Farias. Um dos mais próximos foi Menandro, como cita Guilherme Simões:

- Lembro de um dia em que ele a levou para passear de carro na Cidade Baixa: Bonfim, um sorvete na Ribeira e depois voltando por Caminho de Areia, pela avenida recém-inaugurada. Ela ficou admirada com as mudanças, quase não acreditou, disse que estavam querendo enganá-la.

Mas foi lá mesmo no Alto do Gantois que ela ficou quase todo o tempo, de onde só saía em janeiro para ir às festas em Muritiba e algumas poucas vezes para tratar da saúde ou assuntos religiosos no Rio de Janeiro.

No dia 13 de agosto de 1986, aos 92 anos de idade, ela se foi.

- Aquele dia parecia um dilúvio. As filhas-de-santo passavam por essas ruas chorando e gritando – lembra Dona Alzira, com um olhar distante.



O trânsito todo parou. Carregada pelos seus filhos, ela desceu a ladeira do Gantois pela última vez.

- Foi o carro do Corpo de Bombeiros que a levou para o Jardim da Saudade, número 3258 – cita Edinho, de cor.



Um dia triste para todos que a amavam, como sempre são tristes as despedidas. Mas um dia importante, porque a partir daí, como ela já não estava mais entre nós, todos aqueles que a conheceram ou que ouvem falar da sua história são desafiados a encontrar uma forma de preencher um pouco essa lacuna, cada qual ao seu modo. Somos todos desafiados a também banhar de afeto,

lavar as mágoas e inundar de esperança todos aqueles que se aproximem, sedentos, de nós.

HERDEIROS DE MENININHA

Agora, para conhecer os frutos que surgiram da passagem de Mãe Menininha pelo Gantois, refaça os seus últimos passos. Vá até a Praça Garibaldi e procure a ladeira íngreme que leva até o Gantois. Suba devagar, porque, indo aos poucos, você terá tempo de conversar com Dona Alzira Escolástica, que, além de ter o mesmo nome de Mãe Menininha, nasceu no mesmo dia que ela. Vai se deparar com o número 17, que durante anos ficou com as portas e janelas fechadas, em luto pelo falecimento da dona da casa, Mãe Cleusa, a filha mais velha que a sucedeu à frente do Gantois. Poderá conversar um pouco com Dona Maria Angélica dos Reis, a vizinha católica que não perdia uma festa do terreiro e faz questão de cuidar pessoalmente da pequena Praça Pulchéria.

Então, pedindo licença, você poderá entrar no Memorial Mãe Menininha do Gantois, onde vai encontrar Nádia Cajazeiras, sempre zelando pelas roupas, imagens, louças, jóias, panos-da-costa, fotos, bibelôs, medalhas e todas as outras coisas que integravam o mundo de Mãe Menininha. Se tiver sorte, poderá encontrar também com Yomar Passos, o neto de criação que herdou a serenidade da avó postiça ou com a socióloga Márcia Souza, Maié, que vai lhe falar de Mãe Menininha com tanto afeto, que você vai se sentir como se estivesse recebendo um carinho.



Quem sabe até, você poderá encontrar com a atual ialorixá do Gantois, Mãe Carmem, a filha de sangue que nunca se importou em dividir a mãe com toda a cidade:

- A solicitação era muito grande, mas eu já nasci filha dela, já era assim. Então, aceitei naturalmente.

Mãe Carmem fala muito pouco, por isso preste atenção às suas palavras. De repente, ela pode sintetizar em poucas frases os ensinamentos que a sua mãe lhe deixou:

- Onde não há respeito pelos valores, perde-se toda a continuação. É preciso pesar a sua importância frente à do outro. Se você não define um limite, até onde você vai, quem vem depois também não vai saber quando parar.

Mãe Carmem tem duas filhas – Ângela e Neli Cristina – e três netos: Bruno, Leila e Leandro. As semelhanças entre Dona Alzira e Mãe Menininha não se limitam ao aniversário e ao nome. Sendo também filha de Oxum, não se contenta em guardar a beleza só para si. Por isso, aos 77 anos, ela continua cosendo e passando as longas saias das filhas-de-santo como fez tantas vezes nos últimos anos. Apesar da saudade, não se furta a falar da amiga que a chamava de “minha xará” e apelidou a sua casa de “Gantois B”.

- Se Mãe Menininha fosse viva, eu cantaria aqui. Ela era uma deusa.



Foto de Paulo Macedo

Dona Alzira

Doce, receptiva e sem pressa, como a sua amiga, Dona Alzira conta que tudo começou como uma brincadeira:

- Desde criança eu carregava a Santa Escolástica na missa na Igreja da Misericórdia. Depois, fui ficando mocinha e ela foi me ensinando a fazer as roupas de santo.

A cumplicidade entre as duas nunca acabou:

- Uma só palavra dela aliviava tudo. Eu podia vir com os maiores problemas, se ela dissesse: “Minha filha, vá pra casa, que você não tem nada”, passava tudo.

Dona Maria Angélica, ou “Dona Marreca”, também lembra da vizinha ilustre:

- No Dia das Mães, todo mundo aqui ia pedir a benção a ela. Na entrada do ano novo, jogavam pipoca na rua. Na Sexta-feira Santa, tinha um grande banquete, todos da casa se sentavam na mesma mesa. Assim que vim morar aqui fui lá conhecê-la, pediu logo que trouxessem doces pros meninos. Era uma pessoa muito gentil, sempre dizendo um bocadinho de coisas bonitas.

De Mãe Cleusa, que morava na casa ao lado e foi uma grande amiga, Dona Marreca lembra ainda mais nitidamente:

- Tinha um coração enorme, me faz uma grande falta, como amiga e vizinha.

Dona Marreca chegou ao Gantois nos anos 80, mas se sente tão zeladora do lugar quanto qualquer filho-de-santo antigo:

- Eu me encantei com essa praça. Varro todos os dia e molho as plantas. É um prazer.

Para Yomar Passos, lembrar de Mãe Menininha é lembrar da própria infância:

- Ela aparecia no salão e cantava aquelas canções antigas e tão lindas que quase já não se cantam mais. Ela inclusive compunha e muitas dessas cantigas que se ouve por aí foram feitas por ela. Era uma pessoa que gostava muito de conversar e passar os seus conhecimentos. Quem estava por perto até ficava preocupado – diz ele, que também não tem receios de dividir o que sabe.

Essa mesma receptividade Márcia Souza descobriu quando já estava na faculdade e foi levada por uma amiga para conhecer Mãe Menininha.

- Meu coração disparava, a emoção de conhecer um mito. Assim que ela me viu, perguntou: “Ô, minha gente, quem é essa índia? De que santo você é? De que casa?” Lembro também de um dia, no aniversário dela, em que levei uma boneca que cantava parabéns e ela ficou paradinha, com a mão no queixo, prestando atenção àquele brinquedo – conta Márcia, com seu jeitinho de menina.



Foto de Haroldo Abrantes

Mãe Menininha recebeu muitos títulos, homenagens e medalhas. Em vida, uma das que mais gostava era a dos Filhos de Gandhy, que a nomearam madrinha do afoxé, como explica o funcionário público Valdemar José de Sousa, o Tio Sousa, membro antigo do Gandhy:

- Ela é a nossa eterna madrinha, porque não se tem duas madrinhas ou padrinhos. É um só, para sempre. Todos os anos nós íamos lá, caminhando, pedir a benção a ela antes de ir pra avenida e por causa do aniversário dela, que também é em fevereiro.

Tio Sousa, na verdade, conheceu Mãe Menininha bem cedo, por causa de sua avó, a famosa Obaladê de Xangô:

- Depois que saía da missa na Igreja de São Bento, Mãe Menininha sempre passava lá em casa, no Solar do Gravatá, pra tomar a benção a minha avó.

Mas a maior de todas as homenagens está lá mesmo, no seu antigo quarto, acessível a qualquer um que visite o Memorial feito no Gantois.

- A cama, a penteadeira, os santos, está tudo como era no tempo dela – explica Nádia.

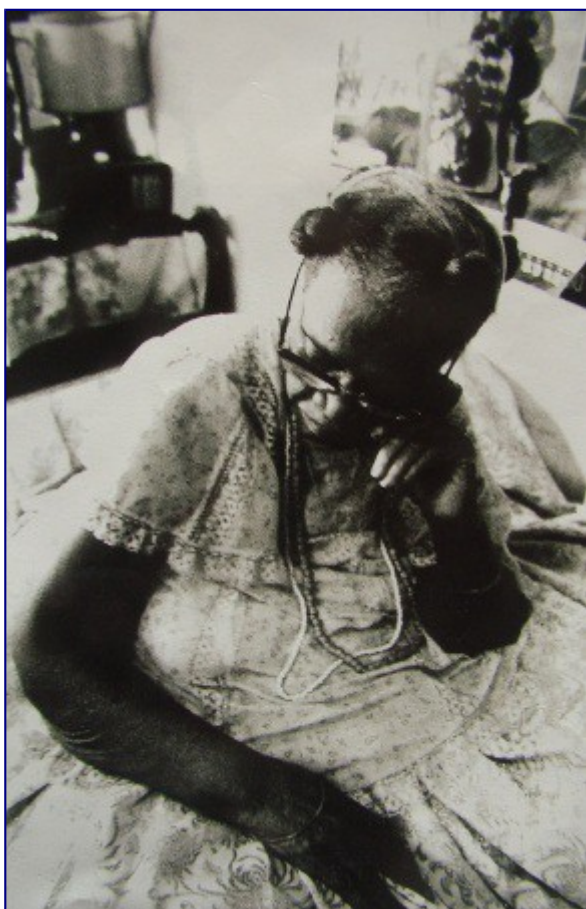
Sobre uma grande cômoda de madeira, um oratório repleto: Santa Escolástica, Senhora Santana, São Francisco e vários outros santos, comprovando o quanto era ampla a sua fé. Nas paredes, mais imagens de orixás e santos e, ao lado da cama, a pequena mesinha com os búzios. Sobre a cama, a famosa valise – que ela mantinha sempre à mão e onde guardava os búzios, dinheiro, papéis – e um minúsculo sapato de crochê, usado para dormir, que comprova o quanto seus pés e mãos deviam mesmo ser delicados, conforme se conta.



No Memorial, encontra-se muito mais: as cristaleiras repletas de louças finas, os seus óculos de grau forte, a bengala de marfim presenteada por um embaixador africano, o selo e carimbo dos

Correios com a sua imagem, a medalha do Instituto Internacional de Heráldica e Genealogia. O que mais surpreende o visitante, entretanto, são as peças de uso pessoal, as jóias, panos-da-costa e roupas. Tudo feito com um apuro que já não se vê mais em nenhuma parte. Um dourado intenso nas saias, um colorido de outros tempos nos fios de contas e colares de prata. Outra homenagem a Mãe Menininha foi nascendo aos poucos. Lançado em 2006, o livro *Mãe Menininha do Gantois: uma biografia*, é fruto de um trabalho de seis anos da Editora Corrupio, recolhendo depoimentos de amigos, colaboradores e reunindo reportagens, artigos e livros escritos sobre o Gantois e Mãe Menininha. O texto foi assinado por Cida Nóbrega e Regina Echeverria.

Com o falecimento de Mãe Menininha, assumiu Mãe Cleusa, que também já faleceu. Desde então, o Gantois viveu uma longa expectativa até ser decidido quem seria a sua nova ialorixá. O cargo é vitalício e a sucessão é sempre definida entre as mulheres da família Nazareth, preferencialmente entre mães e filhas. Como são apenas três netas e uma filha (além de Mônica, Mãe Cleusa teve também dois filhos homens, Zeno e Álvaro), alguma delas deveria ser a indicada pelo jogo de búzios, consultado a cada ano. Mãe Carmem acreditava que a sua sobrinha, Mônica Millet, teria boas chances de ser a escolhida, sendo filha da antiga ialorixá e dispondo ainda da “mocidade” necessária para a tarefa árdua. Já Mônica preferia não comentar o assunto, pois ainda estava de luto pela perda da mãe. Em outubro de 2002, após três anos do falecimento de Mãe Cleusa, os orixás definiram quem ficaria à frente da casa e a escolhida foi a filha mais nova de Mãe Menininha: Mãe Carmem. Para os filhos dessa grande casa, foi um momento de alegria. O Gantois pôde finalmente reabrir as suas portas, recomeçar as suas atividades litúrgicas e festas. Quem conviveu com uma Oxum sabe que o importante é que a vida siga o seu curso. Aceitar e compreender a beleza desse eterno movimento nem sempre é fácil, mas parece ser o único caminho. Aliás, essa talvez seja a mais dura e importante das lições que podemos aprender com um rio.



* As imagens foram reproduzidas do fascículo 2 da coleção “Memórias da Bahia I”.

* Publicado originalmente em: <http://historiasdopovonegro.wordpress.com/>

Notas

1 No livro *Mãe Menininha do Gantois: uma biografia*, Cida Nóbrega e Regina Echeverria afirmam o seguinte sobre o pai de Mãe Menininha: “Figura popular em Salvador pelo temperamento, ele explorava o serviço da empresa *Vehículos Econômicos*, fundada em 1869 para gerir a concessão do transporte de bondes puxados a burro, novidade criada poucos anos antes, nos Estados Unidos. Ele não transmitiu seu sobrenome a Menininha, nem constituiu família com Maria da Glória, hábito comum nas comunidades afro-brasileiras”.

2 Nome do cargo dado aos homens responsáveis por tocar os instrumentos musicais durante os rituais do candomblé.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**: guia de ruas e mistérios. Rio de Janeiro: Record, 1981.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ECHEVERRIA, Regina e NÓBREGA, Cida. **Mãe Menininha do Gantois**: uma biografia. Salvador: Corrupio; Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TEIXEIRA, Cid. Dona Escolástica. **A Tarde**, Salvador, 10 fev. 1984. Caderno 2.

Entrevistas

Alzira Escolástica

Carmem Oliveira (Mãe Carmem)

Cida Nóbrega

Edson Vergne de Assis

Edvaldo Brito

Guilherme Simões

Márcia Souza

Maria Angélica dos Reis

Maria Zilda Bethlem

Mônica Millet

Nádia Cajazeiras

Renato da Silveira

Valdemar José de Sousa (Tio Sousa)

Waldeloir Rego

Yomar Passos

Outros

Memorial Mãe Menininha do Gantois